



O corpo como medida: o desejo como alternativa ética para os Estudos Organizacionais

Felipe Borges (UFRGS) - ffbamaral@gmail.com

Resumo:

Na busca por uma ciência não-fascista das organizações, vislumbra-se uma alternativa pautada pela Ética espinosana. Acompanhando Espinosa, propõe-se tomar o corpo como medida ética, incorporando o desejo, enquanto vontade de potência. Atua-se aqui no registro de uma ciência menor; assume-se o nomadismo; operam-se máquinas de guerra; constroem-se corpos sem órgãos. Abre-se espaço para a produção artística e cultural, para os saberes subalternos e populares, para a gagueira e as línguas menores. Permite-se o vôo dos vaga-lumes em nome da resistência contra o fascismo cotidiano.

Palavras-chave: *fascismo, teoria das organizações, corpo sem órgãos.*

Área temática: *GT-08 As Relações de Poder no Organizar (Extra)Ordinário da Vida Cotidiana*

Pier Paolo Pasolini, teórico, ensaísta, poeta, cineasta, construiu não somente uma obra, mas uma vida e uma morte apontadas contra o fascismo. Destacou, o italiano, a fuga do fascismo apoiada na sobrevivência dos vaga-lumes. Denunciou que os vaga-lumes haviam desaparecido e que a simples deposição de Mussolini não seria suficiente para afastar as formas mais insidiosas de fascismo do dia-a-dia. (PASOLINI, 2010)

Pasolini (2010) recorda que, ao início dos 1960, devido à poluição da atmosfera e da água os vaga-lumes começaram a desaparecer. Logo não havia mais vaga-lumes, o progresso havia promovido o desaparecimento dos pirilampos. Da mesma forma, após um período inicial de confronto e violência policial, o que se seguiu foi uma **lenta e gradual poluição da atmosfera política e cultural italiana**. Naquele momento, nem os intelectuais mais críticos perceberam que os vaga-lumes estavam desaparecendo.

O alerta pasoliniano é **para que se mantenha a resistência, iluminando a noite que se avizinha com alguns lampejos de pensamento**. Para ele, seria por meio de **culturas particulares, dos camponeses, dos subproletários, dos operários, ou por meio dos jovens, dos indígenas, de seus ritos, danças, tatuagens, gírias, que a luz permaneceria viva**. Estes são os *vaga-lumes* de Pasolini.

O verdadeiro fascismo, dizia Pasolini, é aquele que tem por objeto os valores, as linguagens e o gestos, a alma e a cultura dos povos. O fascismo mais perigoso não é aquele marcado pela violência de policial de estado, mas **aquele que se propaga nas formas ordinárias de dominação da vida**. O argumento que se constitui *punctum saliens* do presente ensaio é de que a teoria, e por sua vez a prática, organizacional é, em grande medida, e em suas expressões hegemônicas, fascista. **O controle dos corpos, a instituição da cultura, a linguagem, as vestes, a aniquilação da expressão individual agem por eliminar os vaga-lumes**. Isso se dá da mesma forma que o progresso industrial acabou por eliminar os vaga-lumes da Itália dos anos 60.

É nestes aspectos que advogo que a teoria organizacional se irmana com a psicanálise e com as formas clássicas de nazi-fascismo europeias. A caracterização que faço da teoria organizacional em muito se assemelha às que estudiosos aos quais me associo fazem dos outros dois fenômenos citados. (DELEUZE, GUATTARI, 2010. FOUCAULT, 1996; 2006) Assim, acompanho Rafael Trindade, sugerindo que pensar uma teoria organizacional não-fascista é, talvez, **pensar uma contra-história da TO para longe da sua moral, dos seus padres e idealistas que pretendem a conversão do homem em animais dóceis**. É incorporar outros clássicos. É pensar em como seria uma

TO que partisse, não de Platão, Aristóteles, Descartes, Hegel, Kant, mas dos cínicos, dos epicuristas, de Espinosa, Nietzsche, Deleuze e outros.¹

Ao colocar esta questão, não posso pretender uma saída verdadeira, conclusiva, com argumentos encadeados como em quebra-cabeças e que aproximariam este texto daqueles espaços dos quais pretendo me afastar. Não há um caminho linear, progressivo, uma urdidura de ideias que resulte em uma trama firme, estável, resistente e confiável. Em seu lugar, os conceitos se amalgamam, se entrelaçam e se fundem de forma desordenada e fluida como num feltro (DELEUZE; GUATTARI, 2012), que é o não-tecido, sem avesso, sem direito, liso, aberto e ilimitado. Tratar de um não-fascismo nas organizações é como construir um texto tendo o feltro por superfície. A escrita não é mero instrumento de transmissão do texto; a escrita é processo. Menos frases e argumentos estrategicamente colocados, como num jogo de xadrez, e mais devires e escrita-esquizo, como num jogo de dados, lembrando Mallarmé.

Falar sobre uma teoria não-fascista das organizações é recusar os espaços garantidos e praticar o nomadismo. Fazer uma escrita menor, mas que se constitui no interior de outra maior (DELEUZE, 2014). Uma escrita nômade, uma escrita menor, é aquela que “começa por enunciar e só vê e só concebe depois”, se abre ao devir e à diferença, abandonando o peso e apostando no movimento dos corpos. O nômade não é o nosso pai, “homem cumpridor, ordeiro, positivo”. O nômade abandona a âncora, evita fixar-se aqui ou lá, deixa-se na terceira margem.

Nosso pai não voltou. Ele não tinha ido a nenhuma parte. Só executava a invenção de se permanecer naqueles espaços do rio, de meio a meio, sempre dentro da canoa, para dela não saltar, nunca mais. A estranheza dessa verdade deu para. estarrecer de todo a gente. Aquilo que não havia, acontecia. (ROSA, 1988)

1. A Ética [ou O Corpo como Medida]

É Espinosa quem propõe instituir *o corpo* como modelo para a filosofia. A denúncia, em sua Ética, de que “não sabemos o que pode o corpo” é uma declaração de ignorância. Enquanto se trata da consciência, da vontade, da manutenção e domínio do corpo, nós nem sabemos “o que pode o corpo”. Espinoza nega qualquer transcendência ao afirmar a unicidade da substância que constitui todas as coisas. Para o filósofo holandês não há prevalência da alma sobre o corpo e, tampouco, o inverso é verdadeiro. Assim,

¹ Destaco aqui a inspiração a partir do texto de Rafael Trindade, “Contra-história da Psicologia”, disponível em <https://razaoinadequada.com/series/contra-historia-da-psicologia/>.

não há expectativa da dominação das paixões pela consciência, como seria típico de uma Moral. O que seja uma ação na alma é, necessariamente, ação no corpo, da mesma forma que uma paixão no corpo, seja uma paixão na alma.

Cada corpo, cada ideia ou cada espírito é constituído por uma série de relações. **Quando este agenciamento de relações “encontra” outro corpo, ideia ou espírito ocorre de que se componham ambas as relações com vistas a formar um todo mais potente, ou ocorre de um decompor a relação existente no outro destruindo a coesão de suas partes.** Sentimos, assim,

“*alegria* [afetos alegres] quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia se encontra com a nossa alma e com ela se compõe; inversamente, sentimos *tristeza* [afetos tristes] quando um corpo ou uma ideia ameaçam nossa própria coerência.” (DELEUZE, 2002. p. 25)

Em termos simples, julgamos uma coisa como “boa” quando nosso corpo² é por ela afectado resultado em aumento de nossa potência, ou julgamos que algo seja “ruim” quando seu afecto sobre nós resulta em diminuição de nossa potência. Logo, não há um “bem” absoluto, ou um “mal” absoluto, mas relações que nos sejam convenientes, na medida em que se componham com nossos corpos, ou inconvenientes, quando não se compõem com nossos corpos. Assim, dizemos que existe o que seja “bom para mim”, ou “mau para mim”, no lugar de bem e mal.

Num espaço de habitação sujeito a todas as formas de afecções, os corpos estão em permanente tentativa de manutenção das relações entre seus elementos. Daí deriva **uma ideia de desejo que se define pelo “esforço pelo qual cada coisa encoraja-se a perseverar no seu ser”** (DELEUZE, 2002. p. 27). Ora, se o desejo é a busca pela manutenção de boas relações – seja no interior do próprio corpo, ou nos afectos que sofre – logo o desejo está relacionado à da potência do corpo, *Vontade de potência*.

O corpo dança em um movimento ritmado, mesmo que parado, os fluxos em seu interior armam a coreografia da existência. Nietzsche afirmou que só acreditaria em um deus que soubesse dançar. A música está aí, não a percebemos porque passamos toda a vida imersos em sua sinfonia, esquecendo de nós mesmos. “O corpo atual está separado de sua capacidade de ser afetado, seus poros estão entupidos.” (TRINDADE, 2013)

O corpo foi organizado, treinado para submeter-se a barganhas.

“Sente-se assim, mova-se assim, faça isso ou aquilo com seu corpo, adote este regime sexual, este regime alimentar, este regime amoroso,

² Em minha redação, ao tratar dos conceitos espinosanos, podemos considerar o corpo, as ideias ou a alma como sujeitos às mesmas relações e afecções.

este regime econômico de produção. Se você entrar nestes regimes corporais o seu corpo vai ser recompensado, você vai ter uma felicidade corpórea.” (FUGANTI, 2011. [s/p])

Há sempre uma transcendência, uma espera pelo juiz e pelo referendo exterior. Na limitação da potência, busca-se algo que devolva o poder.

Cada vez que um corpo é organizado, cada vez que o corpo é constituído por órgãos funcionais, limita-se a sua potência. Ora, se sabemos que o desejo é a força da manutenção das relações que constituem os corpos, buscando perseverar e ampliar sua potência, **logo organizar o corpo é limitar a sua potência. Instituir um corte no desejo.**

O padre é o primeiro a instituir um corte no desejo. “Cada vez que o desejo é traído, amaldiçoado, arrancado de seu campo de imanência, é porque há um padre por ali.” (DELEUZE, 2012. p. 18) Primeiro o padre operou o sacrifício da castração, instituindo uma lei negativa. Agora, **o desejo é falta.** Sendo essa falta impossível de ser sanada, o padre relacionou o desejo ao prazer. O prazer não satisfaz o desejo, ele o anestesia temporariamente. Para promover esta anestesia o padre realiza o segundo sacrifício, o da masturbação. “Depois [...] ele grita: o gozo é impossível, mas o gozo está inscrito no desejo. Porque assim é o Ideal, em sua própria impossibilidade, falta de gozo que é a vida.” (DELEUZE, 2012. p. 18) E assim surge o terceiro sacrifício praticado pelo padre, a instituição do fantasma, as mil e uma noites: “nós seremos vosso fantasma, vosso ideal e vossa impossibilidade, os vossos e os nossos também”. (DELEUZE, 2012. p. 20) Surgem aqui a confissão, as ladainhas, um eterno falar-sem-parar a tentar satisfazer o desejo.

Deleuze contou esta história e nos traça uma relação moderna clara: uma figura moderna do padre é o psicanalista. O psicanalista traduz os sacrifícios do padre em seus três princípios: Prazer, Morte e Realidade. A redução do desejo ao complexo de Édipo, a busca pelo gozo (*la petite mort*, diria Jacques Lacan) como satisfação do desejo, e a confrontação com a realidade na forma do terapeuta; a ladainha agora é a cura pela fala, como gostava Freud.

2. Para além da organização: “uma ciência menor”

A organização majoritária, molar, é teleológica, finalística. A organização quer respostas. A organização é sedentária, não nômade. A organização é orgânica – e

pensar numa organização orgânica já representa um importante, porém insuficiente, rompimento com uma ideia de organização mecânica! A organização molar adota um modelo molar de homem: homem, branco, ocidental, adulto, racional, heterossexual, habitante de cidades. Estes padrões constroem uma norma, um modelo em torno dos quais os agenciamentos produzem homens *para* a organização, por imitação e por cópia. O devir, contudo, não funciona por cópia. “*O homem é majoritário por excelência, enquanto que os devires são minoritários, todo devir é um devir-minoritário. [...] Maioria supõe um estado de dominação.*” (DELEUZE; GUATTARI, 2010. p. 92)

O que define a maioria não é o número, mas o modelo ao qual se conformar, enquanto isso, as minorias não têm modelo, apenas devires, linhas de fuga. **Contra toda a construção de uma sociedade (limitada, anônima, qual seja) por parte de tecnocratas a uniformizar regimes e regulamentos, há a insurgência de jovens e mulheres em busca de expansão dos limites.** Devir é apostar menos nas contradições, nos binômios, enfim, na estrutura, ou, se se quiser mesmo, na metafísica. Devir é apostar mais nas linhas de fuga; e, mais do que isso, falar em termos de minorias e não de classes, singularidades e não identidades. **Construir máquinas de guerra, que não são – de forma alguma – instrumentos de guerra, mas veículos regidos pelos afectos, capazes de ocupar o espaço-tempo e inventar novos espaços-tempo em oposição direta aos instrumentos de captura do estado. Estão lado a lado como máquinas de guerra os movimentos revolucionários e os movimentos artísticos, os vaga-lumes que dançam, lembrando Pasolini.**

Importante destacar que, quando de sua elaboração, a ideia da máquina de guerra surgia como resistência ao Estado. Posteriormente, em suas *Conversações* com Claire Parnet, Deleuze avança declarando que não é o Estado que é universal, “não existe um Estado universal, justamente porque existe um mercado universal cujas sedes são os Estados, as Bolsas.” (DELEUZE, 2013. p. 217). Assim, ampliamos os alvos contra os quais as máquinas de guerra se insurgem pensando nelas como **instrumentos de liberação do desejo contra a produção de subjetividades capitalísticas.**

Pensar em um organizar-se de forma não fascista talvez seja, portanto ser máquina de guerra, constituída de revezamentos, formar-se por nômades no lugar de uma cidade modelo. Tal máquina de guerra é consequência de uma organização nômade, a quem é negada uma história, mas não uma topografia de sulcos, furos, e linhas de fuga. **Se está aqui, mais próximo dos camelôs que das empresas, das corporações,**

com seus processos e estatutos. O camêlo é o nômade, a empresa uma velha senhora sedentária.

A empresa é, por excelência, a entidade de que trata a administração. A empresa é a filha da ciência régia. **Repensar as práticas que beiram o fascismo nas organizações é traçar um caminho no deserto em relação ao uma ciência nômade, uma ciência menor. Uma ciência que contemple – para além da *organização* – a turba, ou “grandes organizações turbilhonantes.** O modelo [se há] é turbilhonar, num espaço aberto onde as coisas-fluxo se distribuem, em vez de distribuir um espaço fechado para as coisas lineares e sólidas.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012. p. 26) Deleuze e Guattari quando pensam nesta ciência nômade inspiram-se nos escritos de Michel Serres que, por sua vez, recorre à física de Arquimedes, uma ciência dos fluidos cuja concepção consideram diretamente ligada à máquina de guerra. Ora, não é difícil conceber que a ciência das organizações ocupa-se muito mais de estruturas e elementos sólidos. Inserir a fluidez, os fluxos, o nomadismo, a incerteza, a diferença, é fazê-la gaguejar³, é fazer uma língua menor no interior de outra maior. (DELEUZE, 2014).

Este agenciamento de singularidades que denominamos organização, quando lhe subtraímos a ordem como fundamento, abraçando a diferença como elemento intrínseco ao singular, e concebemos sua versão não-fascista, está menos afeito à [re]produção que à transgressão. “[...] é contra a lei: contra a forma semelhante e o conteúdo equivalente da lei.” (DELEUZE, 1988) Ele põe a lei em questão, denuncia e duvida do seu poder universal e de sua generalidade, abrindo espaço para uma existência mais artística e profunda, enquanto sensível. (DELEUZE, 1988) A Lei é irmã da ordem.

Ao contrário de uma concepção transcendente da lei, Franz Kafka nos mostra a lei como elemento integrador de uma máquina movida pelo poder. *A Colônia Penal* apresenta esta imagem de forma dispersa, enquanto *O Processo* ilustra o funcionamento da máquina em que a lei funciona como armadura exterior. (DELEUZE, 2014) **A exemplo do que ocorre nas organizações usualmente encontradas, n’O Processo todos os personagens são funcionários ou auxiliares da justiça, todos estão investidos de algum tipo de poder.** “Todos os funcionários são ‘venais’, ‘vendidos’. Tudo é desejo,

³ “Diz-se que os maus romancistas sentem a necessidade de variar seus indicativos de diálogo, substituindo o ‘disse’ por expressões como ‘murmurou’, ‘blabuciu’, ‘soluçou’, ‘escareneceu’, ‘gritou’, ‘gaguejou’... para marcar as entonações. [...] Parece, contudo, que há uma [...] possibilidade: quando *dizer é fazer*... é o que acontece quando a gagueira já não incide sobre palavras preexistentes, mas ela própria introduz as palavras que ela afeta[...]. Não é mais o personagem que é gago de fala, é o escritor que se torna *gago da língua*: ele faz gaguejar a língua enquanto tal. Uma linguagem afetiva, intensiva, e não mais uma afecção daquele que fala.” (DELEUZE G., 2011. p. 138, grifos do autor)

toda linha é desejo, tanto naqueles que dispõem de um poder e reprimem, quanto nos acusados que sofrem poder e repressão” (DELEUZE, 2014. p. 103) Não se trata, contudo de *desejo de poder* (ou desejo de reprimir e, por conseguinte de ser reprimido), mas de um poder que é desejo. O desejo enquanto agenciamento se faz entre os funcionários-engrenagens e a lei-máquina, em Kafka, ou a empresa-máquina, nos nossos domínios. O desejo aqui é o de fazer funcionar a máquina em se está incluído, desejo por ser tratado e conduzido pela máquina de que se faz parte.

“A burocracia é desejo: não desejo abstrato, mas desejo determinado em tal segmento, por tal estado de máquina [...]. A burocracia como desejo se unifica com o funcionamento de um certo número de engrenagens, o exercício de um certo número de poderes [...]”(DELEUZE, 2014. p. 105)

A lei, aqui, funciona muito bem na condução do desejo.

3. A transcendência e a organização dos corpos

O padre, o psicanalista, os ordenadores de toda forma, estão empenhados na tarefa de organizar os corpos. Para Antonin Artaud, os órgãos que se inventam para o corpo são de alguma forma capturados, rendidos, fazendo com que se perca o corpo de potência em uma espécie de corpo de poder. **O corpo perde, assim, a capacidade de produzir a si mesmo, de experimentar, de apreender o que acontece enquanto acontece.** Transfere-se a plenitude do desejo para um futuro distante, um tempo transcendente. O corpo se separa da capacidade de acontecer. Deriva daí a expectativa por um referencial externo. A necessidade de coisas que se encaixem, respostas exatas, significações, vem da perda da capacidade de conexão intensiva por meio do corpo e do pensamento, que não são mais do que modos de expressão da mesma substância.

O sofrimento experimentado por esta busca por algo que falta ao desejo leva à construção de uma entidade externa. Se algo nos foi tirado, estamos distantes daquilo que nos completa, nós idealizamos. Com Artaud, dizemos: Deus este ladrão! Nietzsche então sugere que ele foi forjado a partir da costela de um mau sofredor. **Incapaz do exercício de um desejo pleno, aprisionado em seu corpo, ele busca uma resposta externa, ideal. Qual seja a distância entre este ideal e nós, este será o tamanho da nossa vontade de julgar.** “Quanto mais distante mais arrogante (mesmo que humilde) – de modo inconfessável – é o nosso julgamento.” (FUGANTI, 2011. [s/p]) Quanto maior

a dor, maior a expectativa de prazer futuro; quanto maior o sofrimento, maior a expectativa pela redenção. **Uma eficiente competência dos líderes é saber aproveitar-se da infelicidade dos outros.** A esperteza de saber lucrar com a miséria. O controle do desejo alheio por meio do gozo ou da providência. **O líder é um novo padre.**

A questão da lei e do julgamento teve seu espaço para pensadores que são importantes na construção teórica que ora se intenta. Nietzsche, Kafka, Artaud, cada um à sua forma tiveram seus confrontos com a lei. Para Nietzsche a condição básica de um juízo é a existência de uma dívida para com a divindade, infinita e, por isso mesmo, impagável. A partir de uma concepção cristã de poder, nasce o poder de julgar. Artaud sofreu a força da lei de forma particularmente penosa e cruel ao ser submetido pela perícia psiquiátrica. Contrapôs à lei sua escrita de sangue e de vida. A crueldade também figura em Kafka com o *O Processo* e a *Colônia Penal*. A crueldade, aqui, enuncia as relações do corpo com as forças que o afetam, opondo-se à doutrina da dívida infinita que elabora relações da alma com o juízo.

A partir de uma concepção cristã de poder, nasce o poder de julgar. **É o juízo que determina a organização dos corpos**, “o juízo de deus é precisamente o poder de *organizar* ao infinito.” (DELEUZE, 2011. p. 168) Contra este juízo-ordenador/legalizador é que se impõe a elaboração do corpo em devir, capaz de afetar e ser afetado, pura *Vontade de potência*.

Fazer retomar o desejo o que é dele é preferir as máquinas desejantes à produção social. Alcançar a subjetividade na imanência, assumir um inconsciente molecular que ignora a castração e toda forma de representação. Está em oposição direta à produção de subjetividades capitalísticas. (GUATTARI; ROLNIK, 2013) **Este pensamento é o que assume o processo capitalista como recalador da produção desejante, reconhecendo o papel do complexo de Édipo neste processo.** O capitalismo precisa reprimir os corpos; **produzir corpos organizados.** Quando um corpo tem órgãos ele é utilitário, finalístico, os órgãos tem cada qual sua função na canalização do desejo em favor da produção capitalista.

A saída pode passar pela criação de corpos sem órgãos. Abandonar a organização produtiva em favor da produção de realidades. Os órgãos distanciam o corpo do que ele pode, o despotencializam. “O corpo, afastado daquilo que pode, perde sua capacidade revolucionária e se torna doente, perde sua capacidade de criar o real para aceitar a vida medíocre que lhe dão.” (TRINDADE, 2013 [s/p]) **Para Deleuze está claro**

que as fábricas do capitalismo também produzem corpos organizados. Troquemos, pois, as máquinas produtivas das fábricas pelas máquinas desejanças dos corpos sem órgãos.

Cabe compreender que o corpo sem órgãos não é inimigo dos órgãos. O inimigo é o organismo. “O CsO não se opõe aos órgãos, mas a essa organização dos órgãos que se chama organismo.” (DELEUZE, GUATTARI, 2012. p. 25) O organismo não é o corpo, mas é um estado de corpo pautado pela acumulação, coagulação, sedimentação **“que lhe impõe formas, funções, ligações, organizações dominantes e hierarquizadas, transcendências organizadas para extrair um trabalho útil.” (Idem)**

Artaud relatou a produção de corpos sem órgãos pelos *tharaumaras* e seu ritual alucinógeno do *peyote*. Descreveu, ainda, como Heliogábalos⁴ – o imperador travesti – construía para si, em suas experimentações sexuais, o seu próprio corpo sem órgãos. Deleuze sugere que os esquizofrênicos buscam criar para si corpos sem órgãos. **Insurgentes que não reconhecem o modelo de produção de subjetividades capitalísticas estão no processo de ir ao encontro dos seus corpos sem órgãos.** O vendedor de frutas da Tunísia⁵ ao atear fogo em seu corpo tentava produzir para si um CsO. Os jovens que hoje ocupam as escolas interrompem a produção, seus corpos não estão mais a serviço daquela organização. Talvez queiram eles os seus corpos sem órgãos. Busca-se a ampliação da potência, essa é a ideia da ética. **“O que pode o corpo?”** Eles, certamente, não sabem, mas sabem que seus corpos podem mais do que submeter-se ao adestramento diário que produz uma vida desintensificada.

“Os afrontamentos sociais não são mais apenas de ordem econômica.” (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p.53) **A luta travada não se restringe ao campo da economia política mas abrange o espaço da economia subjetiva.** O sistema de produção vigente produz, em série, corpos organizados. Por isso, as disputas observadas, muitas vezes traduzem conflitos entre diferentes maneiras pelas quais os indivíduos e grupos pretendem viver sua existência. O conflito existe, exatamente, porque à

⁴ Heliogábalos foi um imperador romano, nomeado aos 14 anos e que ficou conhecido por travestir-se de mulher, realizar diferentes experimentações de cunho homossexual – ora se prostituindo, ora mantendo relacionamentos, como com o seu cocheiro – e ter se casado e divorciado cinco vezes, de cinco esposas diferentes. Seu comportamento o levou a despertar a ira dos soldados da guarda romana que o mataram, sendo substituído por seu primo.

⁵ Mohamed Bouazizi ateou fogo no próprio corpo após ter suas frutas confiscadas pela falta de uma licença para comercializá-las. O acontecimento, na praça Tahir, é considerado o estopim do movimento denominado “Primavera Árabe”.

subjetividade capitalística, não interessa o processo de singularização, sua busca é por um determinado resultado deste processo. **A subjetividade capitalística apenas pretende a circunscrição das singularidades a uma subjetividade dominante.**

A teoria das organizações atua, em sua face mais evidente, na esfera da macropolítica. Este é o espaço das grandes organizações, mesmo que pautadas pelas lutas sociais mais amplas [molares], fundamentadas em ideias sólidas de uma identidade a ser preservada, de uma cultura a ser construída ou disseminada. Já a micropolítica funciona como uma “analítica das formações do desejo no campo social” (GUATTARI; ROLNIK, 2013) [moleculares]. Seria a micropolítica capaz de se ocupar dos corpos desejanter, dos corpos sem órgãos.

O desafio que se impõe é tentar ultrapassar a oposição aparentemente existente entre os campos molar e molecular, micro e macro. Ora, desde o começo trata-se, aqui, de um pensamento não dialético, não dualista, não redutor. Certamente o molecular, enquanto processo, pode nascer no macro, bem como o molar pode se instaurar no micro. Felix Guattari esclarece que essa minicaptura de processos de desejo [onde o molar apreende uma força molecular] é a inteligência característica dos processos de produção de subjetividade dos países capitalistas. Regimes totalitários como o soviético têm dificuldade em lidar com essa ambivalência dos campos, os regimes capitalistas modernos, por sua vez, conseguem recuperar os microvetores de subjetivação singular por meio de sistemas complexos que envolvem um forte aparato midiático. (GUATTARI; ROLNIK, 2013)

A analítica micropolítica aceita não utilizar um único modo de referência. Os apontamentos que faço sobre a ciência das organizações encontra eco nestas reflexões guattarianas: descreve uma situação hipotética na qual ele próprio pronunciaria grandes discursos emancipatórios e libertadores, ao mesmo tempo em que efetua um investimento de poder para se apoderar do auditório, estabelecer uma relação de sedução falocrática. Poderia tornar-se uma expressiva liderança neste grupo. Afirma que, mesmo com a melhor das intenções, as relações de força existentes se encaminhariam, por fim, para uma forma de burocratização, com o estabelecimento de relações de poder. **“A questão micropolítica é a de como reproduzimos (ou não) os modos de subjetivação dominantes.”** (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p. 55, grifo dos autores)

Há que se destacar que parte do trabalho proposto é sugerir que **há, no campo de estudos das teorias das organizações⁶, esta relação de imbricação entre o molar e o molecular**. O que não é nenhuma novidade para quem já trata destes temas! Mas não caracteriza uma discussão constante em nossa área. Os discursos contra-hegemônicos vigentes, frequentemente, têm uma abordagem nitidamente emancipadora em nível molar, mas em nível molecular apresentam uma captura por meio de mecanismos de liderança reacionária, reducionista, *não aceitam não utilizar um único modo de referência*. No nível molecular é mais difícil identificar o inimigo, pois não se trata de um inimigo de classe encarnado em alguma espécie de líder. “O inimigo nesse caso é algo que se encarna em nossos amigos, em nós mesmos, em nossas fileiras, a cada vez que o problema remete a um agenciamento de enunciação de outro tipo.” (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p. 55)

Há um claro movimento nos estudos das organizações de superação de teorias e modelos consagrados. Há um forte questionamento do modelo capitalista e da empresa como forma de expressão da organização. Contudo, o que quero expressar ao descrever a captura do molecular pelo molar é que, mesmo em sua versão contra-hegemônica, **se caracteriza como uma ciência régia, uma ciência de Estado, uma ciência dos sólidos, da estabilidade, da ordem**. Uma possível saída para isso é sugerida por Deleuze ao examinar os estudos de Michel Serres, que por sua vez se volta à física de Arquimedes. Essa é uma física pautada por um modelo hidráulico e não sólido. Platão já via essa possibilidade, mas a descreve somente para excluí-la em nome de uma ciência régia. (DELEUZE; GUATTARI, 2012)

Pensar uma ciência que se ocupe dos fluxos, que perceba os fluxos como a realidade ela mesma. Pensar nos elementos em termos das afecções que lhes acontecem. Ora, voltamos aqui a visualizar os corpos em permanente relação; a substância em suas diferentes formas de expressão. O fluxos da substância é que dá forma aos corpos, às ideias ou ao espírito. Fazer esta ciência é fazer uma ciência nômade. A ciência nômade é sempre barrada pela ciência de Estado. No caso de Arquimedes foi a lança do soldado romano que lhe interrompeu a existência. No caso da academia são as penas dos examinadores que definem o destino do cientista nômade. “É como se o ‘cientista’ da

⁶ Em que pese a falta de clareza desta expressão, ela tenta caracterizar a inconsistência das bordas desta área que se tenta mapear. Não se limita ao campo dos “estudos organizacionais”, talvez refira-se ao espaço de produção de teoria das organizações, às pesquisas do campo, à prática organizacional.

ciência nômade fosse apanhado entre dois fogos, o da máquina de guerra, que o alimenta e inspira, e o do Estado, que lhe impõe uma ordem das razões.” (DELEUZE; GUATTARI, 2012. p. 28) **Pensar uma ciência das organizações que fuja à ordem não é advogar pela [des]ordem, mas imaginar uma espécie de a-ordenamento.** Acompanhando Deleuze e Guattari, esta ciência seria ela mesma vaga, no sentido de *vagabunda*⁷, uma ciência que não seja inexata – como são as coisas sensíveis – nem exata, como as essências ideais, mas “anexata e contudo rigorosa (‘inexata por essência e não por acaso’).” (DELEUZE; GUATTARI, 2012. p. 35)⁸

Dizer que o corpo sem órgãos não cabe nos estudos organizacionais é questionar a sua abertura, sua flexibilidade. O desafio que se impõe é, portanto, o de ampliar esta abertura. Podemos expandir a ciência das organizações a exemplo do lábio de um índio que se expande, ou da orelha de um *punk* com seu furo transpassado por um alargador⁹. Movimentos de interposição de elementos estranhos que não buscam a dor ou o sofrimento, antes fazem ampliar os limites do corpo, fazem para si, seus corpos sem órgãos.

4. Uma ação ética

É fundamental se compreender, portanto, que estamos tratando de coisas absolutamente distintas quando **sugiro uma ação ética como alternativa de uma existência não-fascista, em oposição a uma conduta guiada pela moral.** A maneira pela qual se constituem as subjetividades modernas se encontra impregnada de uma moral que está associada às ideias tratadas anteriormente de Estado, lei, poder, e a uma determinada concepção do desejo enquanto falta. **Esta forma de constituição das subjetividades está sustentada por uma forma de produção de subjetividades capitalísticas sujeitas ao poder dominante.** (GUATTARI; ROLNIK, 2013)

O poder age pelo estabelecimento de limites, despotencializa, desvia a potência. O poder age por meio da transferência da potência, daquele que é subordinado àquele que domina. Lembrando que o desejo seja vontade de potência, aquele que deseja

⁷ Uma ciência vagabunda. Uma ciência em que abunde o vagar, a busca, o nomadismo, os devires. Em oposição uma ciência que não vagueie, uma ciência sedentária.

⁸ Por tratar de uma “essência” da ciência – ainda que inexata – cabe destacar que os autores estão, aqui, tratando do pensamento de Edmund Husserl e de como ele descreveu uma “protogeometria” para estudar as essências morfológicas *vagas*.

⁹ Faço aqui uma referência a Pasolini e sua afirmação de que nas manifestações de culturas marginais os vaga-lumes sobrevivem, institui-se a resistência contra o fascismo.

o poder é impotente e precisa agir por meio da dominação alheia. Quanto mais fracos nos tornamos mais poder desejamos. Deleuze afirma em seu *Abecedário* que todo poder é triste, enquanto todo desejo é revolucionário.

O poder separa o homem de sua potência de agir, mas lhe dá a promessa de dias melhores; se ele se esforçar, por meritocracia um dia será chefe; se ele seguir as regras à risca, o mundo será um lugar melhor; se ele comprar em 10X, poderá mobiliar sua casa como as estrelas de tv; se ele trocar a fechadura e comprar um cadeado novo, estará seguro; se ele teme enquanto espera, ao menos tem a esperança de um dia não mais temer. (TRINDADE, 2016. [s/p])

Impregnado por relações que lhe diminuem a potência, o sujeito moderno aguarda pela providência divina. Pauta-se pela moral na expectativa de um reconhecimento externo, dominado, torna-se vigia do outro, pauta-se pela falta e pelo “mal”. Uma conduta ética compreende que mal é o encontro; mal é o desencontro. Os desencontros são o que impede o homem moderno de fazer brotar a diferença, ou que o fazem ver a diferença como expressão do negativo. A ética, por sua vez, anseia pelo novo. Busca ligações que aumentem a potência, potencialização máxima gerando diferença no próprio sujeito.

A ciência dos afetos é uma ferramenta interessante para levarmos adiante nossa discussão. O que envenena uns, é alimento para outros, o que é ruim para alguns é bom para outros. As leis da natureza não conhecem a moral, só conhecem os bons e os maus encontros. Esta lei não pode ser quebrada, e é muito mais complexa. A ética é muito mais sutil que a moral, ela é imanente, ela se faz em ato, ela é dinâmica. Enquanto o homem funda leis transcendentais, por não saber estabelecer relações horizontais, a Ética encontra nas relações as leis de passagens que se criam em cada encontro. (TRINDADE, 2016. [s/p])

A busca ética pelo novo é aquela que liberta a vontade de tudo o que a aprisiona, como sugere Nietzsche, fazendo da repetição um objeto do querer. Após o duro processo de destruição de tudo o que submete o homem ao poder – iniciando-se pelo Pai, e pelo pai – é necessário que irrompa uma força criadora. Após a queda livre, um recomeço. O encontro com o demônio que anuncia a vida rediviva, o eterno retorno. **A existência ética apontada aqui é aquela que não faça o homem temer repeti-la.** A repetição se opõe à moral, conduzindo o pensamento para além do bem e do mal. “É neste sentido que a repetição é o pensamento do futuro: ela se opõe à antiga categoria da reminiscência e à moderna categoria do *habitus*.” (DELEUZE, 1988. p . 27) A repetição é um brutal imperativo do imediato, dissolve as mediações conjugando universal e singular, destronando toda lei geral.

E quando Nietzsche apresenta o eterno retorno como a expressão imediata da vontade de potência, de modo algum vontade de potência significa “querer a potência”, mas ao contrário: seja o que se queira, elevar o que se quer à “enésima” potência, isto é, extrair sua forma superior graças à singularidade da repetição no próprio eterno retorno. (TRINDADE, 2013. [s/p])

A entrega ao eterno retorno traz o movimento centrífugo que expulsa as vontades fracas que não suportem o peso da repetição. **Há que se promover a transvaloração de que nos fala Nietzsche, assumir novos valores, éticos, no lugar daqueles que nos foram impostos pelo poder e por uma moral essencialmente externa.** Novos valores que não se pautem por uma transcendência, pela expectativa de novos mundos ou por um julgamento externo. Novos valores que pautem a vida e a existência de modo que não se tema a repetição. No lugar de indagar pela existência do divino, investigar a potência dos corpos. “O que pode o corpo?”, repete a voz da Ética.

Ao escrever sobre Nietzsche, Deleuze (1976) reconhece o peso que significa a entrega ao eterno retorno e aposta que o homem não seria capaz de suportá-lo, ele “se jogaria no chão, rangendo os dentes e amaldiçoando esse demônio que assim falasse”. (NIETZSCHE, [2006]) O homem seria fraco demais para suportar novamente a espera por uma redenção. Viver uma vida medíocre e subordinada ao poder incontáveis vezes seria um sofrimento impossível. A única alternativa seria a constante criação, promovida pela vontade de potência, que é sempre criação e produção do novo.

Assim, o homem que aprendeu o sentido do eterno retorno enquanto “eterno retorno da diferença” (DELEUZE, 1976) é aquele que está para “além do homem” [*Übermensch*]¹⁰. Para ele nada é igual porque ele se afirma na criação da diferença. O *Übermensch* não segue a moral, não reconhece o bem ou o mal; segue seu nomadismo independente de onde chegar. Joga seus dados disposto a ganhar ou perder. Aprendeu o *amor-fati*, que é o amor ao destino. Se esta vida é a única e não há salvação, só resta conduzi-la com amor. Buscar o aumento da potência e a alegria do devir-criança.

O *amor-fati* nos afasta do medo que é um grande *medium* por onde o poder opera e nega ao homem o agir político, o desejo pleno e a vontade de potência. “Todos os fenômenos importantes da atualidade envolvem dimensões do desejo e da

¹⁰ A expressão *Übermensch* pode ter como tradução “além do homem” ou “super-homem”. Faço a escolha pelo uso da expressão no seu idioma original, ocasionalmente, por questões estilísticas, alternando com a primeira tradução. Trata-se de expressão com fundo de polêmica por ter sido apropriada pelo regime Nacional Socialista alemão para referir-se aos arianos, conformer descrito por Vitor Klemperer em LTI: Liguagem do Terceiro Reich (2009).

subjetividade”. (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p. 36) Não seria possível, nem interessante, elaborar uma espécie de referente geral a ser seguido. Trata-se aqui, de seguir a sugestão de Felix Guattari e Suely Rolnik (2013) e fazer, justamente, o contrário: **apontar elementos de singularidade – da teoria e também da condução da vida ética – e processos de singularização que produzem a subjetividade em sua pluralidade.** Para eles, “as referências universitárias e políticas tradicionais, o marxismo clássico ou um remendo freudomarxista não dão conta desses problemas do desejo em escala coletiva.”. (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p. 37)

Os devires que podem nos oferecer fuga às formas de dominação usualmente praticadas são aqueles que envolvam a subversão da subjetividade, agenciando singularidades desejantes que revelam a dominação. Isso quer dizer que, ao invés de pretendermos a liberdade (noção indissolúvelmente ligada à de consciência), **temos de retomar o espaço da farsa, produzindo, inventando subjetividades delirantes que, num embate com a subjetividade capitalística, a façam desmoronar.** (GUATTARI; ROLNIK, 2013. p. 39)

O agenciamento não-fascista é aquele que desterritorializa as referências subjetivas vigentes. As formas intentadas nas concepções de lutas contra a opressão estão diretamente relacionadas a uma tal modelização do psiquismo que não rompe o sistema de produção de subjetividade vigente. Tal sistema é redutor, agregando todas as singularidades sob grandes categorias: capital, trabalho, família. Todos os devires são esmagados. Fugas, tradições culturais milenares (os vaga-lumes) são eliminadas em favor da produção da subjetividade capitalística¹¹, não da produção desejante ou do aumento da potência.

Uma conduta ética como alternativa ao fascismo cotidiano – das ruas, das famílias, dos consultórios, das escolas e das [outras] organizações – passa pela necessidade de se assumir a produção do desejo. Assim, foge-se do Édipo e de sua redução ao triângulo familiar. Abre-se espaço para a produção artística e cultural, para os saberes subalternos e populares, para a gagueira e as línguas menores. Permite-se o vôo dos vaga-lumes. **Reconhece-se o poder como expressão dos afetos tristes e, assim, detrator do desejo, despontencializador.** As ações pautadas pela ética requerem o aprendizado *além do homem*, a aceitação de que não há julgamento posterior e que há que se afirmar a vida em sua mais íntima natureza, *amor-fati*.

¹¹ A culpabilização é uma das funções da subjetividade capitalística, e dará amparo ao juízo, já tratado anteriormente.

REFERÊNCIAS

- DELEUZE G. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 1998. p. 21.
- DELEUZE, G. *Conversações*. São Paulo: Ed. 34. 2013. 3ª ed. p. 217.
- DELEUZE, G. *Crítica e clínica*. Gaguejou. São Paulo: Ed. 34. 2011a.
- DELEUZE, G. *Espinosa: Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 25.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Ed. 34. 2010. p. 92.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *O Anti-Édipo: Capitalismo e Esquizofrenia 1*. Tradução de Luiz B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.
- DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil Platôs: Capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Ed. 34. 2012
- DELEUZE, G. *Nietzsche e a Filosofia*. Rio de Janeiro: Rio, 1976. Versão distribuída via internet a partir da edição indicada.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. *Kafka: por uma literatura menor*. Belo Horizonte. Autêntica: 2014.
- FOUCAULT, M. O anti-Édipo: uma introdução à vida não fascista. *Cadernos de subjetividade (número especial sobre Gilles Deleuze)*, São Paulo, p. 177-200, 1996. Disponível em:
<https://pimentalab.milharal.org/files/2012/05/foucault_anti_edipo.pdf>.
- FOUCAULT, M. Anti-retro. In: FOUCAULT, M. *Ditos & Escritos. Estética: Literatura e Pintura, Música e Cinema*. 2. ed. São Paulo: Forense Universtária, v. III, 2006. p. 330-345.
- FUGANTI, L. O Corpo Sem Órgãos. Palestra proferida no Congresso de Dança Contemporânea. 2011. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=IIwxWe_Tvo4&list=UUPnSfzGsEF1s2opJQ56h5UQ&index=12>
- GUATTARI, F.; ROLNIK, S. *Micropolíticas. Cartografias do desejo*. Rio de Janeiro: Vozes, 2000.
- KLEMPERER, V. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.
- NIETZSCHE, F. *A Gaia Ciência*. São Paulo: Escala, [2006]. Versão distribuída via internet provavelmente a partir da edição indicada.

PASOLINI, P. P. Il vuoto del potere in Italia [O vazio do poder na Itália]. (n. t.) *Revista Literária de Tradução*, Florianópolis, 2010. ISSN 4. Tradução de Davi Pessoa.

ROSA, G. *A Terceira Margem do Rio*. In: ROSA, G. *Primeiras Estórias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988. p. 32.

TRINDADE, R. A Razão Inadequada. *Deleuze: corpo sem órgãos*. [S. l.]: [S. n.], 2013. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/04/14/deleuze-corpo-sem-orgaos/>>

TRINDADE, R. A Razão Inadequada. *Espinosa – o que pode o corpo?*. [S. l.]: [S. n.], 2013. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/08/25/espinosa-o-que-pode-o-corpo/>>

TRINDADE, R. A Razão Inadequada. *Ética e Moral*. [S. l.]: [S. n.], 2016. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2016/04/20/etica-e-moral/>>

TRINDADE, R. A Razão Inadequada. *Nietzsche – Vontade de Potência*. [S. l.]: [S. n.], 2013. Disponível em: <<https://razaoinadequada.com/2013/07/15/nietzsche-vontade-de-potencia/>>